

O que pode o corpo na composição: educações, floresta, terra e água?

Monica Silva Aikawa¹

José Vicente de Souza Aguiar²

Kelly Almeida de Oliveira³

RESUMO

O convite para a escrita da temática “educações por entre florestas e rios” lança-nos em planos outros, que recorrem àqueles decorrentes dos atos de educar. Emergem indagações: O que há de natureza em nós? Que natureza(s) nos habita(m)? Não somos nós parte dela? O que podem as educações com ela, dadas nossas posições de professores/as pesquisadores/as em licenciaturas? A revisitação desse pensar-sentir-viver de nossas habitações de naturezas captura-nos e mobiliza-nos no objetivo de fluir modos de hibridismos nós-rio-terra-vegetação que se transmutam em feitiços de educações por entre florestas e rios, mais avizinados com banzeiros, terras caídas e floresteiros em indícios de produções singulares. Assim, convidamos para uma experiência de educação capaz de fazer sentir a natureza em nós, diferentemente de uma compreensão meramente cognitiva dela.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Educações por entre florestas e rios. Pensamento da diferença.

¹ Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4695-9762>. E-mail: maikawa@uea.edu.br.

² Doutor em Educação. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Bolsista de Produtividade Acadêmica FAPEAM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7754-1620>. E-mail: jvicente@uea.edu.br.

³ Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Universidade Federal do Maranhão, Codó, Maranhão, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9397-3607>. E-mail: ka.oliveira@ufma.br.

What the body can do in the composition: education, forest, land and water?

ABSTRACT

The invitation to academic production “educations among forests and rivers” moves us to think about other forms of education. Questions arise: What is there of nature in us? What nature(s) inhabit(s) us? Aren't we part of it? What can education do with nature, as teachers and researchers in undergraduate courses? This research allowed us to research nature and its objective was to explore hybrids between us-river-land-vegetation that transmute into educations between forests and rivers, closer to floodplain, fallen lands, forests in signs of unique teaching productions. Thus, we invite you to an educational experience capable of feeling nature within us, as opposed to a merely cognitive understanding of it.

KEYWORDS: Education. Education among forests and rivers. Thinking about difference.

¿Qué puede el cuerpo en la composición: educaciones, selva, tierra y agua?

RESUMEN

La invitación a escribir sobre el tema “educaciones entre selvas y ríos” nos lanza a otros planos distintos de los actos recurrentes de educar. Surgen interrogantes: ¿Qué hay de naturaleza en nosotros? ¿Qué naturaleza(s) nos habita(n)? ¿No somos parte de ella? ¿Qué pueden las educaciones con ella, considerando nuestras posiciones como docentes e investigadores/as en programas de formación de profesorado? La revisitación de este pensar-sentir-vivir nuestras formas de habitar la naturaleza nos captura y nos moviliza con el objetivo de hacer fluir modos de hibridación entre nosotros-río-tierra-vegetación que se transmutan en formas de educaciones entre selvas y ríos, más cercanos a los remansos, tierras caídas y florecimientos en indicios de producciones singulares. Así, invitamos a una experiencia educativa capaz de sentir la naturaleza en nosotros, más allá de una comprensión meramente cognitiva de ella.

PALABRAS CLAVE: Educación. Educaciones entre selvas y ríos. Pensamiento de la Diferencia.

* * *

Se o corpo humano é afetado de uma maneira que envolve a natureza de algum corpo exterior, a mente humana considerará esse corpo exterior como existente em ato ou como algo que lhe está presente, até que o corpo seja afetado de um afeto que exclua a existência ou a presença desse corpo.
Benedictus Spinoza

Introdução

O convite para a escrita do tema “educações por entre florestas e rios” lança-nos em planos outros que recorrem aos atos de educar em composição com a natureza em nós. Emergem indagações: O que há de natureza em nós? Que natureza(s) nos habita(m)? Não somos nós parte dela? O que podem as educações com ela, dadas nossas posições de professores/as pesquisadores/as em licenciaturas?

A história da humanidade, colocada em uma posição de soberania nas relações, na organização social e na produção de conhecimento, também tem vivido individualidades, deterioração, zonas de miséria e guerras. O ser humano afastou-se, desconectou-se da natureza, os seres humanos não se sentem como entes do ser animal. Desafiamo-nos, enquanto humanos/as, a uma escrita ensaística de reconexão com o reino animal e suas habitações com as florestas, com as terras e com as águas prolongando-se à questão evidenciada: de que modos elementos de hibridismos nós-água-terra-vegetação atuam em nós natureza que potencializam transmutações em feitos de educações por entre florestas, terras e rios?

Busca-se uma feitura com o objetivo de fluir modos de hibridismos nós-água-terra-vegetação que se transmutam em feitos de educações por entre florestas, terras e rios, mais avizinados com banzeiros, terras caídas e floresteiros em indícios de produções singulares de docências criativas.

Dizemos do lugar de uma florestania (Krenak, 2022), aquela habitante de nosso corpo-território, que se afasta de salvacionismos, preservacionismos e demais “ismos”, dado que a perspectiva não é a da Academia, da cidadania,

do urbanismo, do humanismo ou do sanitarismo, mas das diversas formas de existir e sentir, dos agenciamentos, do devir, do mato, da terra, do rio.

A ideia de confluência de Nêgo Bispo (2023) destaca uma interconexão aos saberes, às culturas e aos modos de vida de povos tradicionais com a sociedade, em vias de equidade entre as questões urbanas e do campo. Tal ideia movimenta-se na busca de uma forma diversa de pensar e viver, na qual o diálogo e o compartilhamento são energia de movimento, dado que somos seres compartilhantes.

Entre outros intercessores na produção, temos Spinoza (2009), em seus conceitos de encontro e sensibilidades com os afetos, Nietzsche (2012) com a afirmação da vida, bem como Bergson (2010) e a evolução criadora.

Uma ecosofia (Guattari, 2024) é convocada para a composição desta escrita, visto a preocupação com a formação de um ser humano ecológico. Nessa abordagem, a ecologia da subjetividade humana relaciona-se com uma reinvenção do sujeito com o corpo e suas formas de pensar e sentir; a ecologia social, volta-se para a construção de relações humanas equitativas; e a ecologia do meio ambiente enquanto possibilidades de vidas flexíveis e mutáveis. Essas linhas se cruzam nas ideias ecosóficas que assumimos.

Lançamos mão dessa narrativa pois, quando uma Educação Amazônica é floresteadada, é impulsionada e produzida com criação e multiplicidade. E este artigo se fabrica em alegrias, encantamentos, encontros, devires e experiências... de educações em floresteios nessa Amazônia vivida e sentida em sua singularidade, produzida em cotidianos, em meio aos diferentes modos de existências humanas e não humanas, às naturezas.

“Fiel à natureza inteira!” – Como faz ele então:
Desde quando a natureza acabou na imagem?
Pois é infinita a mais ínfima parcela do mundo? –
Afinal, deste ele pinta o que lhe agrada.
E o que lhe agrada? O que é capaz de pintar!
(Nietzsche, 2012, p. 43).

Esta é uma escrita sobre o que nos agrada, no ínfimo do mundo, produzimos um floresteio que acabou na escrita, ele é outro e em educações também. E, para a afirmação da vida nessas educações floresteadas em invenção ou fantasia ou imagem-escrita, em certos tempos seguem-se as plantas, os animais, os ventos, o fogo, as terras ou as águas com quem se encontram e se modificam. Nesta escrita, seguem-se floresteios com seres existentes nas imanências e nos encantamentos sentidos.

Educações entre floresta

*Nada, certamente, a não ser uma superstição sombria e triste,
proíbe que nos alegremos.*
(Spinoza, 2009, Ética IV, Proposição 45, Escólio 2)

Pelas duas da tarde desloco-me para a minha Amazônia de teclado: computador, livros e rascunhos iniciais desta escrita. O clima nublado do tempo entre abril e maio anuncia o verão amazônico e faz cair um chuvisco que logo é tomado pelo sol e seu calor. Aqui dizemos “temperatura abafada”. Não se configura na linguagem meteorológica, mas é compreensível e sentida pelos corpos em composições amazônicas. A insegurança numa escrita acadêmica também se fez presente, assim como a pressa para a conclusão da produção e a responsabilidade para envio no tempo previsto... Tensão!

Diante do pensar em ritmos métricos, trilha-se outro caminho. O do sentir e apreciar a floresta em sua esteticidade, que aponta para uma educação do ver e sentir, a qual se realiza pelo corpo, ou melhor, pelos exercícios de corporeidades com a floresta. Uma educação que busca ouvi-la e, imaginativamente, entender o que ela diz para os humanos; que busca apreciá-la pelo ver e deixar ser tocado por sua estética. Para isso, não mobilizamos conceitos taxonômicos, mas atos de composições entre humanos-florestas-humanos (Figuras 1 e 2).

FIGURAS 1 E 2: A Floresta e seus encantos

Fonte: acervo dos autores (2025).

Movidos por Étienne Souriau (2022), destaca-se o sentido artístico e de composição da natureza, ao invés de uma explicação centrada na ideia do animal máquina. “[...] hacemos el esfuerzo de situar en el conjunto de la naturaleza el instinto artístico de los animales” (Souriau, 2022, p. 10). A natureza (água, floresta, terra e vento no formato de nuvens) é uma composição artística, cujos corpos apreciadores são levados a fabular, visto que nos toca e nos provoca a imaginar os perceptos da água, da floresta, da terra e do ar.

Outras habitações me povoam e sinto que os objetos inicialmente separados não bastam para a escrita de “educações por entre florestas e rios”, uma vez que mobilizam em transbordamentos. Muito cheia de urbanidade (Krenak, 2022), sigo para esvaziamentos em outra Amazônia e em nomadismos deleuzianos, numa memória-corpo, transmuta-me ao trajeto de rua e de rio para chegar no mato.

Cheiro de verde e marrom.

Árvores. Arbustos. Raiz. Folhas. Galhos. Mato. Ar.

Terra. Caminho de rastro. Terra caída. Terra alagada. Chão de barro.

Bicho. Gente. Vulto. Organismos. Seres humanos. Seres não humanos.

Som de macaco. Vento suave. Raio de sol. Sombra. Suor. Água.

Entidade viva. Terra-Floresta. Floresta-Seres. Rio-Floresta.

* F L O R E S T A *

Desse mato, dessa floresta, imagina-se um encontro. Como seria a tarde em que floresta e educações se encontram? Será que haveria chuva ou sol? Ou ambos? Haveria encontro? Do que se deixariam afetar?

Escreve-se do encontro entre Deleuze e Guattari (2011), que nem tanto se trata de um encontro físico, mas uma conexão conceitual, um modo de exploração das ligações entre dois, tendo-as enquanto interligação, um fluxo de diferentes forças agindo no corpo. Spinoza (2009) divide o encontro entre bons e maus, adequados e inadequados. O primeiro refere-se àquilo que nos convém: o que nos alegra, nos faz florescer e promove o aumento de nossa potência de viver. O segundo, por sua vez, diz respeito ao que devemos evitar, ainda que seja mais recorrente, pois reduz a capacidade de existir, decompõe as relações e se inscreve no campo da tristeza. Manifesta-se a posição pela alegria! Que optemos pelos bons encontros, então, pois contribuem com nossa capacidade de afetar e ser afetado.

Entre floresta e educações, floresta-educações e educações-floresta poderia existir esse tipo de encontro, os bons. Floresta e educações (de)compondo-se na relação, em intercâmbio, em seus processos subjetivos de confluência em que se produz um tempo de criação de conceitos, para existências de si. Uma floresta e educações que são outras. Num deslocamento no qual a educação não somente ensina, mas aprende. E a floresta não é objeto, mas vida. A educação poderia seguir a sabedoria das plantas, pois “inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo – com o vento, com um animal, com o homem” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 28).

A educação pensa: como seguir as plantas? Se eu trabalho com conhecimentos científicos, acadêmicos e escolares, quem produz saberes são apenas seres humanos?!?! Como seria possível?

E como seria uma educação que não apenas trabalhe com conhecimento validado pela ciência, mas com um que sentisse, pensasse e vivesse? Como seria seu trabalho a partir disso? As plantas dão uma ideia:

Seguir as plantas: começando por fixar os limites de uma primeira linha segundo círculos de convergência ao redor de singularidades sucessivas; depois, observando-se, no interior desta linha, novos círculos de convergência se estabelecem com novos pontos situados fora dos limites e em outras direções (Deleuze; Guattari, 2011, p. 28).

A floresta entende-se como rizoma de vidas humanas e não humanas que as habitam e se produzem em conhecimentos, sejam científicos, tradicionais, vegetais, animais, dentre outros. Ela diz, com Spinoza (2009), que o corpo existe como o sentimos, e eu sinto meu corpo-floresta com linhas múltiplas, com seres e elementos diversos em muitas direções, variações e intensidades.

A educação para e pensa em caminhos diferentes para o seu fazer. Como fugir de seu dito fundamento? Isso emerge plantar a floresta nos corpos-educação de uma forma singular, que se afaste do arbóreo e siga em linha de fuga com floresteio.

Que corpo tenho? Como me sinto com ele? De que modos permito me afetar? – Questiona-se a educação, já que corpo é minha potência em ação (Spinoza, 2009), minha força de existir?

Há quem diga que a educação precisa de regras, disciplinamento, grades curriculares e sair disso é perigoso, visto a existência da violência fora da escola. Há uma cidadania, uma proteção límpida dentro do espaço escolar e ao território do educar, e pouco resta da relação com folhas, terra e os seres

vivos não humanos. O corpo da educação emerge por bons encontros, está muito limpo de floresta e mato.

Em variação, pensemo-nos com a floresta e criemos o nós-floresta. O ocidente constituiu-se de colonização exploratória e afastou-se da floresta, não tem se compreendido nela. O nós-floresta relembra-nos desse território que habitamos e nos habita, nós do norte do Brasil, nós da Amazônia, nós Amazonas.

Enquanto Spinoza (2009) afirma a moderação dos afetos, o nós-floresta mobiliza o pensar-sentir-viver em apropriação deste mundo numa arte de aprendizagem do viver em harmonia com a afecção na bondade, alegria e felicidade. Se afasta da superstição sombria da epígrafe.

Podemos dizer que as existências se potencializam em floresteios... e florestas educam, nos educam com suas capturas e raptos da urbanidade. Sua nomadologia (Deleuze; Guattari, 2011) nos impulsiona ecosoficamente a uma organização social, mental e ambiental (Guattari, 2024) em que a afirmação das vidas são as importâncias.

Vento de poeira e cores.

Sementes. Pólen. Radícula. Formigas. Borboletas.

Chão. Linha de vento. Fresta de luz nas copas. Mormaço.

Limo. Gente. Vultos. Teias. Seres. Besouros. Bactérias. Gia.

Minhoca. Fungo. Ervas. Pedras. Céu. Água. Mato. Rio.

Entidade viva. Linhas-Floresta. Floresta-Rizoma.

* F L O R E S T A *

O que flui em modos de hibridismos nós-vegetação, nós-floresta? Que transmutações em educações por entre florestas se fazem? Que indícios de produções singulares se produzem em floresteios?

Nas energias de movimento, nos bons encontros, o floresteio constitui-se em um modo alternativo de compreensão da vida, uma organização distinta do cognitivo, pois é uma maneira de entender a dinâmica da floresta como um

espaço em constante transformação, onde diversos elementos interagem e se modificam, criando significados e possibilidades moleculares.

Um reflorestamento das educações fabrica indícios de modos de fluidez com os diferentes modos de existências, com as vidas, com os risos, tornando-se apreciável para a fabricação de outras docências, outras escolas, outras universidades: espaços voltados para a produção de bons encontros, de alegrias, que potencializem a vida.

Transmutado em fugas do fundamento-raiz (Deleuze; Guattari, 2011), o floresteio encontra-se com a singularidade e rompem a terra com raízes vazantes, emergem por e com criação. Aqui a ruptura do chão não é problemática, é inerente à vida. A criação de educações em floresteio a modifica em educação rizomática, a qual segue a sabedoria das plantas fazendo rizoma com o animal, os organismos, os seres, o vento... Com os sentires desses menores da floresta, produzem-se educações em nomadismos, vazantes, fluidez.

Em floresteios há diferentes fabricações. Em educações há fabricações.

Em floresteios, a raiz vaza o solo. Em educações os vazamentos são potentes.
Em floresteio o tronco caído produz vidas novas. Em educações há vidas para cair
muros.

Em floresteio há difusão de seres. Em educações se precisa aprender a viver
multiplicidades.

FLOR-ESTA
FLOR-ESTEIO
FLORES-TEAR
FLORESTA(S)

Floresta-rizoma, floresta-multidão... gente-floresta, nós-floresta?

Uma educação em floresteios flui em encantamentos, alegrias, coexistências, afirma a vida, as vidas.

Corpo-terra, terra-corpo: terreando as educações

Dentro de um ônibus, povoada de habitações urbanas, contemplo um amanhecer de maio que se inicia lentamente. Vozes ao fundo, pela janela, percebo arborescências que parecem dançar com o movimento incessante que irrompe o silêncio da aurora na Amazônia Oriental. O som, o ritmo, a luz, a paz, ainda que por um breve instante, os floresteiros me acompanham.

Entre caminhos, travessias e transbordares de docências que se manifestam de modos outros no espaço-tempo de escritas acadêmicas em floresteiros, recordo: “O que a natureza pede, na Terra tem”. Essa frase é a logomarca de uma loja de produtos agropecuários. Utilizada como metáfora, ela revela que a terra é retratada como uma fonte inesgotável de recursos. Que tem tudo o que precisamos para viver. Ela nos oferece tudo e mesmo assim não cuidamos o suficiente dela. Sem ela, nada existiria.

Todavia, a escavamos, perfuramos, sugamos, asfixiamos, exploramos suas riquezas, revolvemos o seu interior em busca de mais recursos, até as profundezas dos oceanos. Erguemos sobre ela arranha-céus, abrimos túneis, solapamos, devastamos, arrancamos sua cobertura natural, escalpelamos a Terra e matamos os seres vivos que lhe habitam. Quebramos os ciclos de biomas, interrompendo-os e alterando-os. Plantamos comida estéril, frutas sem semente. Aceleramos a reprodução de aves, suínos e bovinos. Preferimos comida ultraprocessada. Poluímos com os rejeitos do que chamamos de *progresso*.

Tristezas arrasam corações
Sensíveis, causadas pelas
Devastadoras ações humanas.

Doente, a natureza chora, agonizando
Com essa destruição desmedida em
Suas florestas, rios, atitudes desumanas.
É mister, uma revolução sensibilizadora,
Que mudará essas soluções insanas.

(Frazão, 2021, p. 54)

Até que chega o momento em que a Terra geme e treme, como se estivesse com dores de parto. Quando isso acontece, tudo vem abaixo. É um abalo sísmico na vaidade humana. O que sobra é a lama dos nossos dejetos, engolindo tudo. A terra sente e fala, manifesta sinais, comunica seu estado de resistência sobre o que pode e o que não pode mais, mas não somos alfabetizados para entender essa linguagem. Impera o orgulho neoliberal que devora o planeta.

Na última quarta-feira, 21 de maio de 2025, por exemplo, o Senado brasileiro, formou maioria para aprovar o Projeto de Lei nº 2.159/2021, que institui a Lei Geral do Licenciamento Ambiental (LGLA), em tramitação desde 2004, mais conhecido como o “PL da devastação”. Em um ano em que a 30ª Conferência das Partes, reunião de países signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC) acontecerá na Amazônia brasileira, a aprovação de tal legislação representa um retrocesso, pondo em dúvida o êxito do evento e comprometendo as vidas no país.

O afrouxamento das normas para licenciamento ambiental, promovendo a autorregulação sem considerar os territórios em processo de reconhecimento e demarcação no país, sobretudo de territórios indígenas e quilombolas, pode desencadear novos ecocídios. A devastação, o desmatamento e a degradação da floresta amazônica, no Brasil, está entre os dez piores ecocídios do planeta, segundo o jornal britânico *The Guardian*, devido sua atuação como estabilizador do sistema climático. A exploração madeireira, a mineração, o avanço do agronegócio e a provável exploração de petróleo na foz do Rio Amazonas podem acelerar o ponto de não retorno para sua recuperação.

Vale lembrar que a Constituição Federal, no artigo 225, “garante aos cidadãos brasileiros o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado”. Nesse sentido, há “[...] uma compreensão nossa – e isso é cosmológico – de que tudo o que nasceu por conta da natureza é de todo

mundo” (Santos, 2023, p. 61). O acesso à terra, então, se dá pela distribuição e concentração espacial, em que todos estamos assentados, mas não habitados pela terra como corpo, como organismo vivo conectados à terra. Os povos “estão desconectados da natureza, não se sentem como natureza” (Santos, 2023, p. 10), não se sentem como corpo-terra, terra-corpo, terra-território de vida.

A terra é um dos bens mais preciosos da humanidade. Estopim de inúmeras guerras, cujas motivações não são somente econômicas, mas religiosas. A terra é também sagrada. Na linguagem amazônica, diz-se “meu umbigo foi enterrado no lugar onde nasci”. O ser é uma conexão com a terra onde nasceu. Não nos contentamos com a terra que habitamos quando a entendemos como recursos/propriedades. O corpo desconectado com a terra almeja subtraí-la dos povos originários e comunidades tradicionais do pertencimento aos seus territórios. Para o corpo orientado pela ideia de propriedade, a terra só tem valor financeiro, cuja ética do bem-viver dos humanos, dos animais e das florestas deixa de ser significativo.

Decorei minha alma,
Plantando meu jardim.
Adotei visão Shakespeariana.

Minhas flores? Eu as plantei!
Meu jardim? Tratei de cultivar!
Exercitando a minha essência aquariana.
Encantado, meu beija-flor permaneceu cativo,
Degustando néctar da flor tropicana.
(Frazão, 2021, p. 26)

Criamos e nos movemos em territórios-mundos, buscando territórios-outros, confluindo, transfluindo, eclodindo de superfícies, por vezes férteis ou áridas. As educações seguem os fluxos dos intemperismos pedagógicos, que

cerceiam e devastam os corpos livres, criativos, dissidentes, dissonantes às geologias pré-definidas em teorias eugênicas, mas resistimos.

Em confluência, somos solo de nascentes, voçorocas, massapês. Entre fertilidade e erosão, circulamos nos desertos, praias, jardins e campos. Espalhamos nossas sementes guiados pelos ventos que sopram da terra. Educações vicejantes erigem-se entre erupções vulcânicas e terremotos, poros, falhas, fraturas de rochas subterrâneas e subcutâneas, fazendo emergir novos floresteios, soerguidos em cumes, dobras, escarpas, falésias, fiordes, fossas, golfos, oásis, recifes e vales.

Não seguimos a lógica da terra, chão, solo, asfalto – finisterra⁴. Buscamos aquíferos escondidos que se transformem em poços para transmutar práticas calcificadas pelo colonialismo centrípeto. Nossa intenção é amorfa, disforme, deforme. Pode ser como linha, curva, abstruso, espiral, rota de fuga, ou devaneio somente, mas que seja experiência.

Nesse caminhar por reflorestamentos múltiplos, as educações fluem em propulsão das cavernas, das encostas, dos desfiladeiros, dos declives, porque nosso azeviche tem água doce, constituindo-nos terra preta da Amazônia.

O nosso povo também dizia que a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes [...]. É simples. Não é preciso fazer análises de solo porque a terra já diz o que está disposta a oferecer (Santos, 2023, p. 59).

Caminhando, nos pomos a terrear as educações em floresteiro, perseguindo as coordenadas cosmológicas temporais e espaciais que guiam a trajetória de nossa existência. Terreando, nos mostramos como somos, nos damos a conhecer a si e a conhecer o outro; conhecendo, “[...] voltamos às coisas mesmas” (Merleau-Ponty, 2011). Assim, terreando a educação, nos

⁴ A expressão deriva do galego *finis terrae*, que significa "fim do mundo", o qual, na Espanha, correspondia ao ponto mais a oeste do Caminho de Santiago de Compostela. No texto, é utilizado como paráfrase para representar o fim do mundo antropocêntrico.

tornamos terreiro, espaço aberto e sagrado, lugar de encontros e celebrações ancestrais. Terreando, encontramos o polo magnético que atrai a agulha da nossa bússola, para nos dizer que não estamos acima da Terra, nem abaixo dela, mas inclinados no mesmo nível, no mesmo fluxo, confluindo no mesmo corpo-terra-mãe em nossos terreiros.

No terreiro, íamos ver os astros, porque no início da noite é importante ver a lua – se ela está nova, crescente ou pendendo – e ver as estrelas. A casa é feita pela localização do terreno, pela localização das portas e janelas e pela localização da lua. A casa é tudo isso. Você demarca a sua casa na terra, mas demarca a sua casa também nos astros, para se posicionar dentro de uma relação cosmológica. A que distância está da sua roça, a que distância está das estradas, a que distância está do vizinho (Santos, 2023, p. 41).

A Terra é Casa Mãe. Nós, terreiro. O ventre materno é o primeiro território que habitamos, a terra de onde somos formados, o primeiro terreiro habitado. Cada mãe, humana e não humana, carrega em si a semente do corpo-Terra que gera a vida.

Naturaleza de Mmá

Uuchi (montañas), e Ipa (las piedras), son sus huesos, porque todas las rocas constituyen los huesos de la tierra.
Süchi o Schi (los ríos), Wüinñchira (los manantiales) y Sainñmmá (las aguas detenidas) es el Suwüinña Sücha, esto es, su sangre, sus lágrimas, su savia.
Mmáshi (la arena), Pootshi (el barro, lodo) y Sükalira (el polvo) son sus carnes, sus músculos, sus vísceras.
Shushula Mmá es la pulpa de la tierra.
Walatshisujuula, es su calor, sus vapores, su aliento, forman su respiración,

*sus excreciones, sus exudaciones, su flema.
Mmarùla es su olor a raíz fétida y penetrante.
Anoi (sus llanuras), Watchuashi (el desierto) y Ji'ichi forman
su faz, su cara, su semblante.
Su seno es cálido como la matriz. Su corazón es fuego. Pero
las demás
partes de su cuerpo se ocultan a nuestras vistas porque son
divinas y no alcanzamos a comprenderlas*
(Maestro Wayuu Ramón Paz Iipwana *apud* Haesbaert, 2021, p. 180).

Para cuidar da Terra-território como corpo materno, temos que entender os “múltiplos territórios de vida” que coexistem nela. Para isso, o nosso grau de envolvimento e pertencimento precisa transcender o corpo antropomórfico e as políticas de ordenamento territorial, integrando também as vidas não humanas, e manifestando o vínculo com as forças da Terra que a todos acolhe e incorpora (Haesbaert, 2021).

Em comunhão com a Mãe Terra, nós somos água. Nosso corpo é composto por 70% de água. Nós somos fogo. À medida que crescemos, a água entra em contato com o fogo, e produzimos energia para nosso crescimento. Nós somos ar. Com o ar que respiramos, transpiramos e, aos poucos, envelhecemos, transpirando a nossa própria existência. Por fim, nós somos terra. Quando nossa existência termina, retornamos ao seio materno da terra (Santos, 2023). Fundamento da vida, a Terra está presente do início ao fim da humanidade. Dela viemos, para ela retornaremos.

Assim, no Corpo-terra-mãe, todos somos migrantes, todos somos refugiados. Todos estamos acampados, à espera de acolhida, alteridade, hospitalidade, desejosos de uma *tekoporã* (um bem viver) em uma *yvyumarãei* (terra sem males), como fundamento e núcleo de novas e outras educações.

Terra-rizoma, terra-multidão... gente-terra, nós-terra.

Corpo-terra-mãe

Terrear a educação

Corpo-terra, terra-corpo

* T E R R A *

Corpo-composição: a água atravessa a vida

*Traga-me um copo d'água, tenho sede
E essa sede pode me matar
Minha garganta pede um pouco d'água
E os meus olhos pedem teu olhar*

*A planta pede chuva quando quer brotar
O céu logo escurece quando vai chover*

“Tenho Sede”, música composta por
Dominguinhos e Anastácia,
popularizada na voz de Gilberto Gil

A cidade é marcada fortemente por barulhos; alguns produzidos pelos motores à combustão, como os dos carros, das motos, dos caminhões, dos ônibus, das roçadeiras; outros pelos eletrodomésticos, como liquidificadores, batedeiras e por eletrônicos como televisores, celulares, inclusive, nesse último, há uma relação de estímulos resposta, visto que produz sons qualificadamente preparados para chamar atenção, quando ele toca, é para prontamente ser atendido. À vida é imposta a obrigação de ouvir os barulhos decorrentes dos produtos oriundos da industrialização. Numa vida barulhenta, o silêncio parece ser um sinal estranho e até incômodo.

Ouvir o som do silêncio das máquinas liga a vida humana às outras, ao mesmo tempo em que possibilita compreender a natureza em nós. Embora haja classificações que se organizem a partir da separação entre humano e a natureza, importa destacar essa simbiose que os conecta, pois, afinal, as naturezas nunca existiram separadamente, “o corpo humano é composto de

cerca de 60% a 70% de água” (Ueno, 2025). O ser movente, seja humano, seja outras formas de existências, têm em seus corpos o composto químico H_2O , que é essencial para a vida na Terra. A água atravessa a vida dos vegetais, dos animais e dos humanos. Onde há água, há vida que se realiza em atos de combinações, faz florescer e vitaliza o existir.

A sinfonia dos pássaros acontece pela expressão de cada espécie com seu ritmo e harmonia; uns começam a cantar por volta das 4h da manhã, outros mais tarde, outros ao anoitecer. Mas todas cantam de acordo com as suas naturezas, como aponta Souriau (2022), com os seus sentidos artísticos.

Na atividade de remar, sentimos e ouvimos o ser artístico das vidas, uma composição corpo-água que lança o convite para ouvir-apreciar outros sons – os da natureza, das águas, dos pássaros e da brisa no corpo. Alguns exibem suas revoadas sincronizadas sobre a água do rio Negro. Uma espécie realiza seu voo com precisão geométrica, acima do nível do rio, mantendo a altura, com revezamento da liderança, em formato de ponta de flecha. É dito que o primeiro abre o vento e os que lhe seguem recebem menos resistência do ar. Sendo verdade, a natureza lhe fez com inteligência para existir e para voar em um padrão de organização; outros, como menino/a peralta, voam em ritmo de aventuras, com malabarismos, ao mesmo tempo em que mudam de direção e altura sobre o nível do rio. Uma espécie segue revezando a liderança, outra voa cada um a seu modo voador. Uns com trajetória definida, outros em sua liberdade, ao mesmo tempo que convocam a imprevisibilidade. Mas todos em composição com a água. O mergulhão é um pássaro pescador, que tem o potencial de passar alguns minutos submerso na água em busca da presa. As andorinhas voam sobre a água e, em alguns momentos dos voos, seus bicos são estendidos para beber água.

Quanto menos se espera, vê-se um ato preciso de um gavião, em um voo certo, captura sua presa, que estava na superfície da água e é levada em suas garras, ao mesmo tempo que faz movimentos de resistência para se livrar. Em outro momento, um boto sobe a superfície, rasga a água e retorna para o fundo. Alguns botos parecem experientes no ato de subir à superfície e

retornar para o fundo; outros parecem aprendizes na arte de subir à superfície, não realizam o ato com a mesma elegância dos experientes. A impressão é de que são botos filhotes, aprendizes na arte de boiar, respirar e produzir o som de boto.

Nas remadas mais próximas da margem do rio, ouve-se o encontro das ondas com a areia, com a vegetação e com as pedras. Todos produzindo sons e características específicas em função da natureza do encontro, seja com as pedras, seja com a areia da praia, seja com as árvores das margens do rio negro.

Os pássaros, no encontro de espécies, produzem seus sons, que, juntos, parece que estão em fase de competição. Ainda assim, nosso corpo é tocado e sente que a natureza convoca-nos a ouvi-la e a senti-la.

É inevitável não ouvir o som do silêncio das máquinas, aquele que os seres vivos produzem, que muitas vezes não se consegue prestigiar por motivos diversos, até por não sermos levados a apreciá-los e reconhecer seus impactos nas existências humanas.

É preciso aprender a sentir e ouvir os sons da natureza, seja para prestigiá-la, seja para revigorar a vida. Investir em atividades que conectem o ser humano à floresta, à terra, à água e ao ar, de modo que seja possível entender que a natureza não existe fora da existência, mas é parte integral dela. O humano é parte integrante dela. Não há ser vivo que independa da floresta e sua produção; não há ser vivo que não tenha dependência dos frutos da terra; não há ser vivo que não tenha dependência da água; como não há quem viva sem o ar, sobretudo do oxigênio.

Na ausência da água, a floresta, a terra e os seres vivos terão suas existências em risco de morte. Na ausência da água, a produção agrícola, os jardins e parques serão destruídos; na ausência da água, a terra fica seca, as vidas que lhe habitam correm o risco de morte; na ausência da água, o corpo humano e dos seres vivos têm seus órgãos comprometidos; na ausência da água, a floresta é destruída; na ausência das florestas, não se tem chuva e, sem ela, não há vida. A natureza, para produzir, requer a presença da água, visto que “é preciso a chuva para florir” (Sater; Teixeira, 1990).

As águas na Amazônia trilham rios, lagos, igarapés e furos. É nelas que se realizam também as vidas de homens, mulheres e crianças, cujas existências se constroem em constante contato com as águas. Nas margens dos rios e em interação direta com os cursos d'água, desenvolvem-se culturas de curto ciclo produtivo, com tempo de produção inferior a um ano. As vidas humanas estão adaptadas ao ciclo das águas, às cheias e às secas dos rios.

As mudanças climáticas causam ameaças às vidas, seja humana, animal ou das florestas. Com a seca dos rios e o aumento de sua temperatura, houve desequilíbrio das formas de viver na Amazônia, além de ter causado mortes de peixes, botos, jacarés, dentre outros seres vivos aquáticos que dependem da água para viver. Com a cheia dos rios na Amazônia para além dos níveis históricos, houve a destruição das culturas perenes, a destruição das moradias historicamente produzidas.

A água realiza uma composição de vida com todos os seres vivos, com os vivos humanos, os vivos animais e os vivos florestais. Na Amazônia, os animais vivos procuram as margens dos rios, dos igarapés, dos lagos para beber água; as bromélias, que não criaram formas de deslocamentos, armazenam água em suas folhas criadas para sustentar suas vidas. Não há vida sem água. A vida se realiza no encontro com a água. Para Spinoza (2009), a natureza desse encontro é de composição, visto que ele afirma a vida, faz brotar as sementes, florir os jardins e alivia a sede.

Nas águas, habitam os poderes de encantamentos dos botos, capazes de investir e seduzir as vidas femininas; nelas existem as forças sobrenaturais capazes de promover abalos emocionais sobre as vidas humanas. Há quem diga que as igrejas na Amazônia foram erguidas sobre a cabeça de uma cobra (Bernarde, 2017) e há quem diga que há cobras que promovem encantamentos de pescadores. É necessário estar atento para evitar ser controlado pelo seu poder. As religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda fazem suas homenagens à Oxum, mãe dos rios de água doce, que está associada à beleza, à felicidade e ao amor. Nas águas, há os perceptos dos rios com os poderes de encantamentos das cobras, dos botos; na floresta, os

encantamentos do curupira, que encanta os caçadores e os faz ficar perdidos na floresta; no ar, o voo e cantar do rasga-mortalha sinaliza para a morte de uma pessoa. A natureza é lugar de vida imanente e de vida que se realiza em perceptos imaginários.

A natureza em nós consiste em um convite para uma alfabetização do corpo, cujo principal ato diz respeito a apreciar a estética da natureza; sentir seus cheiros e as brisas dela produzida; ouvir a composição sonora por ela produzida; ver os movimentos dos seres vivos convivendo nos rios, igarapés e lagos; observar e sentir os cheiros produzidos pelas florestas; a natureza em nós consiste em um convite para aprender a ouvir o som do silêncio das maquinarias, àquele cujo compositor é a natureza.

Nós-água-terra-vegetação e educações

h i b r i d i s m o s

Um nós-natureza em devir, em potências alegres de educações do corpo, de experimentações do professor/a-pesquisador/a que educa, que se produz em feitos de educações por entre florestas, terras e rios; que, no ínfimo do mundo, dessa Amazônia menor que nos habita, encerrou-se em escrita.

Educações floresteadas, terreadas e aguadas inventaram-se com encantamentos, alegrias e hibridizaram-se com as plantas, os animais, os ventos, o fogo, o chão e os rios. Afetaram e deixaram-se afetar, cingiram-se em encontros e se transmutaram no sentir, no pensar, no viver.

Os pés no chão da floresta misturados às raízes e às plantas; os olhos voltados para o céu que enxergam feixes de luz por entre as copas das árvores; as mãos em composição com o remo que se move com as águas produziram esta escrita-imagem. E, em meio a ilusões, devires, intempestividades e ficções, neste anoitecer pós notícias de uma friagem na região sul do Amazonas, confluem-se as palavras e se fazem educações outras, desprendidas de prescrições, em rupturas de compreensões cidadãs e em

fluxos de estreitamentos com o florestei. É necessário estetizar a vida humana em composição com a estética da natureza, de modo que possamos sentir-ouvir os sons que ela produz.

.Rizomas de vidas humanas e não-humanas.
Forças sobrenaturais. Esvaziamentos em Amazônias.
Pontas soltas. Teias. Sabedorias das plantas.
Terra sagrada. Territórios-mundo.
Propulsão das cavernas.
Água preta. Terra doce. Vegetação cosmológica.
Terrear Educações em Floresteios. Movências do Corpo.
~ N A T U R E Z A ~ E M ~ N Ó S ~

Referências

- BERGSON, H. *A evolução criadora*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.
- BERNARDE, P. S. *Serpentes do Alto Juruá, Acre: Amazônia brasileira*. Rio Branco: Edufac, 2017.
- BISPO, A. S. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. *Projeto de Lei nº 2.159/2021*. Dispõe sobre o licenciamento ambiental; regulamenta o inciso IV do § 1º do art. 225 da Constituição Federal; altera as Leis nºs 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e 9.985, de 18 de julho de 2000; revoga dispositivo da Lei nº 7.661, de 16 de maio de 1988; e dá outras providências. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/148785>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FRAZÃO, M. L. *Nuances de uma essência: Spina*. São Paulo: Versejar, 2021.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 2024.
- HAESBAERT, R. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

- KRENAK, A. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- SATER, A.; TEIXEIRA, R. *Tocando em frente*. Intérprete: Almir Sater. Brasil: PolyGram, 1990.
- SANTOS, A. B. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- SOURIAU, É. *El sentido artístico de los animalles*. Buenos Aires: Cactus, 2022.
- SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- TREGASKIS, S. Ten worst 'ecocides'. *The Guardian*, 4 de maio de 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/gallery/2010/may/04/top-10-ecocides>. Acesso em: 31 jan. 2026.
- UENO, A. Beber água é importante, mas dois litros por dia não é regra. *Jornal da USP*, 2 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/beber-agua-e-importante-mas-dois-litros-por-dia-nao-e-regra/>. Acesso em: 31 jan. 2026.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em novembro de 2025.